

## **DIREITA, CENTRO, ESQUERDA**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo, 08.07.1979.*

Nos primeiros meses de um novo período presidencial é muito natural que as atenções se voltem para o governo, ainda que o mesmo se constitua em uma continuidade política do anterior. Aqueles que não se situam firmemente na oposição abrem um crédito de confiança, novas esperanças se configuram, as medidas de política econômica e social parecem conter novidade, buscam-se na personalidade do novo presidente traços positivos, analistas apressadas imaginam descobrir descontinuidades ou mudanças significativas no novo governo, ou então afirmam que a iniciativa política está com o governo deixando paralisada a oposição.

Ora, estas preocupações e elocubrações podem ter alguma importância, mas é óbvio que não é através desse tipo de considerações que poderemos ter uma compreensão um pouco mais profunda das mudanças fundamentais porque está passando a política brasileira no primeiro semestre ou durante o ano de 1979.

Estas mudanças podem ser definidas através de uma idéia fundamental. Existe hoje uma contradição essencial entre a redemocratização ocorrida e a continuidade do sistema de poder proveniente do período ditatorial. A redemocratização foi um pleito do centro e da esquerda democratização e, no entanto o poder continua nas mãos da direita. É certo que a redemocratização proporcionada pela extinção do Ato 5 foi parcial. Mas ainda que parcial ela se constitui em um fato objetivo, que conflita com a permanência no poder dos mesmos homens, dos mesmos esquemas, do mesmo partido político que até há pouco sustentavam uma rígida ditadura. Esta contradição é a base da crise política brasileira atual, é a chave para a compreensão da perplexidade em que os atores políticos se encontram no momento. Percebem que houve e deverão continuar a ocorrer mudanças importantes, que passamos por um período de transição ou de rearranjo político, mas torna-se difícil ir além dessa percepção difusa.

É claro que poderíamos tentar simplificar o problema dizendo que não há contradição alguma. Os autoritários de ontem teriam se transformado nos democratas de hoje porque afinal a democracia era sua convicção política mais profunda... Se esta explicação foi inaceitável, lembrando mais história da carochinha, podemos optar por uma interpelação alternativa. Em face à crise política desencadeada a partir de 1974, devido à conversão da burguesia para à democracia em busca de maior autonomia política, em virtude do protesto popular crescente contra o regime ditatorial e injusto, seus líderes revelam capacidade de adaptação. Cederam. Deram os anéis para não perder os dedos. Outorgaram uma democracia limitada antes que lhes fossem arrancada uma democracia política plena.

Esta explicação é mais razoável. A redemocratização foi uma estratégia do sistema político-militar de direita para recuperar legitimidade perante as classes dominantes e assim manter-se no poder. A crise desencadeada em 1974 importou no colapso da aliança entre a burguesia e a tecnoburocracia estatal, na medida em que a burguesia já considerava desnecessária a tutela militar. O sistema político-militar no poder compreendeu este fato e iniciou um processo cauteloso de restauração do estado de direito, ao mesmo tempo que tratava de adotar ou conservar as medidas autoritárias necessárias para se manter no poder, como os senadores biônicos e as eleições indiretas.

O problema político fundamental que se coloca agora é saber até que ponto essa estratégia da direita foi bem sucedida. Ela teria sido completamente coroada de êxito se restabelecesse o sólido pacto político que existiu entre 1964 e 1974 entre todas as frações da burguesia e todas as frações da tecnoburocracia mais o imperialismo representado pelas multinacionais e pelo capital financeiro internacional. Naquele momento as classes dominantes burguesas e tecnoburocráticas uniram-se solidamente em torno de um pacto político de direita a serviço da acumulação capitalista, de altos ordenados e de grande poder para a tecnoburocracia, sob a égide de capitalismo internacional. Mas as condições excepcionais que permitiram esse pacto desapareceram a partir de 1974. É óbvio, portanto, que uma estratégia de concessões e adaptações não irá restabelecer aquele pacto.

A crise política 1974-78 permitiu que os trabalhadores novamente se manifestassem, deu mais força política e consistência à esquerda democrática. Por outro lado, entre os

políticos favoráveis ao regime capitalista, permitiu que começassem a se distinguir com maior clareza a direita autoritária, a direita (sem adjetivos), e o centro.

A direita autoritária, como a esquerda autoritária, é burocrática e deseja o poder sem limitações. A diferença está que no Brasil a direita autoritária tem sido dominante nos quadros governamentais desde 1964, enquanto a esquerda autoritária jamais chegou ao poder neste país. Já a direita é constituída dos liberais que estão sempre a fazer concessões ao autoritarismo, desde que isto seja necessário para defender o Capitalismo. Para a direita o valor maior é o capitalismo; o autoritarismo, como o liberalismo, podem ser meios para garantir a acumulação capitalista. O grosso dos políticos da Arena enquadra-se nessa categoria. Uma parcela ponderável, mas instável da burguesia brasileira também se enquadra nessa categoria. Instável porque especialmente os elementos da média burguesia podem optar por uma política de centro. O centro obviamente não é equidistante. É também capitalista, mas legitimamente democrático e preocupado com o social. O grosso do MDB encontra-se nessa categoria. Grande parte da tecnoburocracia também pode ser aí quadrada. E a partir de 1974 assistimos a um número crescente de empresários burgueses caminharem no sentido do centro.

A esquerda democrática, finalmente, inclui desde a social-democracia e o trabalhismo até a esquerda revolucionária por via legal e democrática. Os líderes sindicais autênticos, os autênticos do MDB, o novo PTB em gestação no exterior incluem-se nessa categoria. Almejam o socialismo, embora estejam conscientes da necessidade de conviver com o capitalismo sob várias formas. São nacionalistas, mas reconhecem que as empresas multinacionais têm um papel importante ainda que contraditório no desenvolvimento econômico do país.

Dentro desse quadro é claro que o problema político fundamental é saber para onde penderá o centro. Continuará sendo ele representado pelos líderes moderados do MDB do tipo Ulisses Guimarães, Tancredo Neves, Franco Montoro? Ou a estratégia da direita governamental de liberalização será suficientemente bem sucedida para atrair para seu seio a média burguesia e a tecnoburocracia? Está claro que quem assumir o controle político das posições de centro no Brasil terá condições de assumir o poder. A burguesia, quando aceitou o “risco” da redemocratização, sabia que de fato não corria grandes riscos na medida que o máximo que poderia ocorrer seria uma mudança do eixo político da direita para o centro.

A esquerda só poderá participar do poder (não assumi-lo) na medida em que estiver aliada ao centro. É por isso que o MDB constituiu-se em uma enorme ameaça para a direita. O MDB é a institucionalização da aliança entre a esquerda democrática e o centro. Essa aliança pode ser difícil, conflitante, mas é real. A esquerda dá credibilidade social ao centro, o centro da respeitabilidade burguesa à esquerda.

Dentro desse quadro compreende-se porque o governo está tão preocupado em liquidar com o MDB através da reestruturação partidária. Mas compreende-se também porque a resistência do MDB tem sido e provavelmente será muito maior do que se poderia imaginar. Não são apenas as manifestações de seu presidente que indicam este fato. A reunião de São Bernardo, que reuniu autênticos do MDB e líderes sindicais de todo o Brasil, além de ter sido um momento fundamental na história da esquerda democrática nesse país, foi também uma impressionante demonstração da unidade dos deputados do MDB em torno do partido.

Na verdade o MDB é hoje um partido vocacionado para o poder. Qualquer analista político reconhecerá que, se ele souber manter sua unidade, ele tem condições excepcionais de chegar ao poder. Tem quadros para isso. Tem legitimidade burguesa garantida pelos seus líderes de centro. Tem razoável apoio no próprio capitalismo internacional, na medida em que o stablishment norte-americano, por exemplo, reconhece que o MDB representa a oposição democrática no Brasil. Tem decidido apoio popular.

Toda a estratégia da direita hoje ainda no poder está em recuperar o centro. É inegável que algum êxito ela terá nesse intento, através da política de democratização parcial. Mas se a esquerda continuar agindo com moderação e firmeza, e conservar a unidade do MDB, está claro que poderá voltar a participar do poder no Brasil. Dentro desse quadro, o PTB de Brizola não será necessariamente um impecilho. Poderá ter algum êxito popular, mas se for mantida a unidade básica do MDB, como me parece provável esse êxito será limitado. Em qualquer hipótese os resultados alcançados só poderão ser somados aos da esquerda.

Para a esquerda a aliança com o centro é legítima, porque a tarefa fundamental hoje é a redemocratização política plena. Só no quadro da democracia as lutas sociais poderão ir transformando a democracia política em democracia econômica, em socialismo. Mas é também legítima por uma questão de estratégia política. A esquerda democrática tem

feito grandes avanços no Brasil, seja em termos de votos populares, seja em termos de maturidade política. Mas está claro que ela não tem condições de alcançar o poder sozinha no Brasil. Por isso a aliança com o centro é para ela uma estratégia fundamental, que lhe permitirá formar um novo bloco histórico mais orientado na direção dos interesses populares e nacionais. Dessa aliança de classes participarão frações da burguesia e da tecnoburocracia, mas os trabalhadores terão também um papel essencial. Por outro lado, esta aliança não impedirá que a luta de classes continue a desenvolver-se na medida em que os trabalhadores alcancem maior capacidade de atuação política e a sociedade civil maior consistência democrática. (08/07)